

O CONCEITO DE GÊNERO NA VISÃO DE PROFESSORAS E PROFESSORES DA REGIÃO DO VALE DO MAMANGUAPE-PB

ALMEIDA [1], Heloísa Melo
Curso de Pedagogia/ Discente bolsista/heloisa.pi@hotmail.com

CHAVES [2], Gislaine da Nóbrega
CCAEE/ Departamento de Educação/Professora orientadora/nchaves@hotmail.com

SOUZA [3], Liliane de Barros
Curso de Pedagogia/Discente voluntária/ lilianebarros05@hotmail.com

RESUMO

A oficina Gênero, o que é isso?, atrelada ao projeto O Conceito de Gênero na Visão de Professoras e Professores da Região do Vale do Mamanguape–PB, oportunizou a discussão de aspectos da subjetividade de professoras e professores da rede pública de ensino, priorizando o trabalho docente realizado em sala de aula com foco na diversidade de gênero. A metodologia adotada fundamentou-se nas oficinas de pesquisa compreendidas como realidades planejadas, em que as pessoas têm oportunidade de refletir, discutir, socializar e avaliar determinados temas e situações-problema. Os dados parciais evidenciaram que professores e professoras têm se preocupado em abordar a temática da diversidade de gênero em sala de aula, porém essas iniciativas ainda são tímidas. Portanto, faz-se necessário repensar os currículos oficiais, da Educação Básica ao Ensino Superior.

PALAVRAS-CHAVE: Gênero. Professoras e professores. Oficina de pesquisa.

INTRODUÇÃO

O conceito de gênero está relacionado à história do movimento feminista contemporâneo (LOURO, 1990). No Brasil, esse conceito foi disseminado nas duas últimas décadas. Scott (1990) destaca o uso do referido conceito, em dois momentos: no primeiro, “o gênero é elemento constitutivo de relações sociais baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos”, e, no segundo, a autora nos remete ao gênero “como uma forma primária de dar significado às relações de poder”. (SCOTT, 1990, p. 86). Isso significa que o sexo e o poder se encontram imbricados nas relações de gênero, e, como bem afirma Saffioti (2003), gênero, classe e etnia se constituem no tripé por meio do qual se organizam as desigualdades e se agudizam os conflitos sociais em nossa sociedade.

Nesse sentido, a escola se configura em um dos espaços de convívio social em que, geralmente, se reproduzem comportamentos masculinos e femininos, relações de classe, étnico-raciais e culturais hierarquizadas e desiguais. Os padrões de gênero foram historicamente estabelecidos pela cultura androcêntrica e patriarcal. Segundo Louro (1990),

embora a escola seja um *locus* onde o fazer pedagógico se processe em grande parte pela ação das mulheres, determinados elementos próprios a esse espaço foram construídos pelos homens, a exemplo dos livros, dos mapas, do conhecimento e da história oficial.

Considerando que os sujeitos que fazem escola trazem consigo valores, normas e concepções de mundo, não se pode relegar a discussão sobre as relações de gênero, devendo-se efetivá-la como um dos componentes que atravessem o currículo escolar. Uma das problemáticas apontadas pelas professoras e professor participantes da oficina Gênero, o que é isso? refere-se ao fato de que, embora as relações de gênero estejam presentes no cotidiano das instituições de ensino, não fazem parte dos conteúdos priorizados pelas escolas.

Para Louro (1990, p. 88), “(...) a escola é feminina, porque é, primordialmente, um lugar de atuação de mulheres – elas organizam e ocupam o espaço (...)”, que, nos seus primórdios, estava reservado apenas para as mulheres, as ditas ‘solteironas’ ou tias, já que o “destino” e “profissão” da mulher era ser esposa e mãe. Assim, a escola foi idealizada como se fosse uma extensão do lar, confundindo-se com o espaço doméstico, ocorrendo, pois, um apartamento de sua representação como um lugar, concomitantemente, de exercício da profissão docente e de manifestação de afetos.

Portanto, pensar no empoderamento das mulheres significa redimensionar nossa concepção de escola e da profissão docente, propiciando não somente o acesso, mas a qualidade no ensino, tendo em vista que na escola se consubstancia a dimensão social do fazer educativo. Por isso, faz-se necessário fortalecer o processo educativo, como afirmou Paulo Freire (1987), entrecruzando a leitura de mundo com a leitura da palavra, ou seja, nos reabastecendo com a realidade concreta de homens e mulheres de “carne e osso”!

MATERIAIS E MÉTODOS

Nossa metodologia fundamentou-se nas oficinas de pesquisa compreendidas como realidades planejadas, em que as pessoas têm oportunidade de refletir, discutir, socializar e avaliar determinados temas e situações-problema (CHAVES; STORNI, 2002). Participaram da oficina duas professoras e um professor dos municípios de Mamanguape, Jacaraú e Itapororoca. Embora o número de participantes da primeira oficina tenha sido desproporcional ao número de inscrições, considera-se esse momento fundamental à formação da categoria docente, pois anteriormente não se tinha notícia de trabalhos relacionados a essa perspectiva, como se percebe na fala de uma professora: “Eu ajo por impulso, porque não recebi nenhum treinamento pra trabalhar nesse sentido, então eu simplesmente mostro pras crianças que o fato de ela gostar de uma cor, por exemplo, a cor rosa, não significa necessariamente que o

menino vire menina, ou vice-versa”. (Emília¹, professora do Ensino Fundamental I, discente do Curso de Pedagogia, *Campus IV* da UFPB, cursou o Magistério correspondente ao Ensino Médio).

O objetivo dessa oficina foi problematizar como ocorrem os diversos tipos de discriminação de gênero, mostrando como as iniquidades de gênero afetam a qualidade de vida de homens e mulheres. Analisamos as relações de gênero, focalizando alguns de seus desdobramentos, tais como masculinidades/feminilidades. O eixo temático norteador da oficina, Gênero e Subjetividade, focalizou aspectos da subjetividade de professoras e professores, priorizando a qualidade de vida cognitiva e emocional da mulher, tendo como contraponto a situação de vulnerabilidade de outros sujeitos sociais com o foco na diversidade de gênero. A abordagem utilizada foi qualitativa e dialógica, pautada na escuta das narrações do grupo sobre suas práticas e experiências com as temáticas relacionadas ao conceito de gênero.

RESULTADOS PARCIAIS E DISCUSSÕES

Contextualizando a execução da oficina Gênero, o que é isso?, cabe informar aqui que, em um primeiro momento, as (os) participantes escreveram em duas colunas os nomes homem e mulher. Em seguida, solicitou-se que anotassem no quadro itens associados aos denominativos homem e mulher. Elas e ele poderiam abordar características positivas e/ou negativas. As características foram relacionadas tanto a aspectos sociais, físicos e biológicos. Quanto àqueles denominativos referentes ao sexo e/ou à sexualidade, devido aos limites de espaço deste resumo, não adentramos neles. As (os) participantes da oficina discutiram as suas denominações, e inverteram-se os títulos das colunas para estimular nova reflexão. Problematizou-se essa mudança no quadro abaixo, elaborado pelo grupo sobre as relações de gênero:

QUADRO I - DENOMINATIVOS ABORDADOS POR MULHERES E HOMEM

HOMEM (H)	MULHER (M)
Azul – (M)	Rosa - (M)
Força física – (M)	Delicadeza – (M)
Sabedoria – (H)	Fragilidade – (H)
Maquiagem - (M)	Maquiagem - (M)
Objetividade – (M)	Sentimentalismo – (M)
Vaidade – (H)	Vaidade – (H)
Carro – (M)	Boneca – (M)
Momentâneo – (M)	Centrada – (M)
Inteligência – (M)	Inteligência – (M)
Insensível – (M)	Choro – (M)

Fonte: Oficina Gênero, o que é isso?, UFPB, realizada em 2013.

¹ Os nomes contidos neste resumo são fictícios, com a finalidade de preservar a identidade pessoal das (os) colaboradoras (es) da oficina.

Desde a mais tenra idade, geralmente, uma criança inserida na cultura ocidental aprende, por meio da educação familiar e escolar, a correspondência entre o seu sexo biológico e os papéis de gênero, que, presumidamente, se espera dela ou dele. Contribuem para essa construção identitária instrumentos relacionados à cultura normativa, a exemplo de certas cores – rosa e azul – relacionadas ao sexo feminino e masculino, respectivamente, bem como os brinquedos – boneca e carrinho – atribuídos também ao sexo feminino e masculino. Todavia, quando Emília se referiu ao trabalho pedagógico, realizado com crianças pequenas no espaço escolar, evidenciou a construção de saberes adquiridos no exercício profissional, relacionados à perspectiva de gênero, mesmo sem ter sido inserida em um processo de formação, inicial ou continuada, como afirmara anteriormente. Além disso, sua fala aponta para a desconstrução desses papéis tradicionais na educação de crianças pequenas:

Por que ele [os pais das crianças] tem a ideia de que o menino usar uma camisa cor de rosa, ela tá querendo ser mulher, e se a menina usa azul, fica aquela coisa determinada: o rosa menina e o azul menino. É uma coisa que não tem nada haver, é uma questão de gosto, que a cor não vai alterar a sexualidade de ninguém. Eu mostro de uma forma bem simples; muitas vezes, eu até vou pra sala de aula de rosa, de azul, de vermelho, de amarelo. Então, surgem vários comentários, que têm cores unissex, aquela coisa toda, eles me respondem algumas vezes que amarelo é unissex; que pode usar. Eu sou bem clara, mostrando pra eles que nem tudo daquela cultura pode ser vencido ainda, isso é um tabu, que vêm dos pais, infelizmente.

Outro aspecto que se destaca do conjunto das falas refere-se aos usos de determinados brinquedos por meninos e meninas, e como essa atividade lúdica interfere na construção identitária dos sujeitos. Por meio de determinados instrumentos – brincadeira de casinha e jogo de futebol –, relacionados rigidamente a um ou a outro sexo, há limitações no campo de possibilidades de aprendizagem de meninas e meninos, sobretudo quando a masculinidade é construída não somente em oposição à feminilidade, mas numa relação hierárquica e desigual. Podem-se perceber esses aspectos das relações de gênero na fala de Emília:

Com relação aos brinquedos também, porque vem de uma cultura em que os pais acreditam que o menino não pode brincar de casinha, porque vai mudar a personalidade, o caráter, vai mudar de sexo, na verdade acreditam nisso. E eu vejo que não é nada disso, mostro pra que eles percebam que o fato de um menino brincar de casinha, não vai alterar, e uma menina jogar futebol, também não tem nada haver, até por que eu mostro a questão dos jogos em que participam meninos, que as meninas também jogam. E que isso não altera em nada, nada mesmo. Na verdade, a questão é dos pais, de uma cultura, e isso é bem acentuado na zona rural.

Dentre os atributos citados pelas professoras e pelo professor, as mesmas qualidades foram relacionadas aos dois gêneros, a exemplo de “inteligência”, “ vaidade” e “maquiagem”, sobretudo quando Marcos (professor de Geografia do Ensino Fundamental II e Médio da rede

pública de ensino) afirmou que os adolescentes têm modificado sua aparência e reconstruído aspectos de sua identidade, ao modificarem valores e comportamentos que fogem aos padrões tradicionalmente atribuídos ao sexo masculino, destacando que um dos jovens da escola onde trabalha deixou que a namorada “fizesse as sobrancelhas dele”. Todavia, alguns aspectos subjetivos, atribuídos às mulheres, a exemplo do “sentimentalismo”, do “choro” e da “delicadeza”, ainda perduram entre adolescentes de ambos os sexos como algo inerente ao sexo feminino, afirma Marcos. Isso revela que existem algumas mudanças de mentalidade em curso, enquanto outros tabus são mais difíceis de ser rompidos.

Elas atribuíram aos homens os denominativos de “insensível”, “momentâneo” e “objetivo”. Já para elas mesmas, escolheram os predicados de “delicadeza” e “fragilidade”. Esses termos, relacionados ao sexo feminino, revelam que existem certos estereótipos que perduram, ainda que elas se percebam, também, como “centradas” e “inteligentes”. Considere-se que esses atributos são próprios ao gênero humano independente de seu sexo.

No segundo momento da oficina, planejou-se trabalhar com cinco histórias, em que seriam abordadas as relações de gênero, o preconceito étnico-racial, a homofobia, a religiosidade, o desejo de ser pai solteiro e as relações de classe, mas devido ao reduzido número de participantes, trabalhou-se apenas com três dessas histórias sem escolhas temáticas prévias. Os participantes, após lerem algumas dessas histórias, escreveram um final para cada uma delas e discutiram as possibilidades de finalização. Em função dos limites de espaço deste resumo, nos detivemos apenas em uma amostra dos resultados obtidos. Registrou-se aqui uma das histórias e seus desfechos:

QUADRO II – HOMOFOBIA NA ESCOLA

<p>Ângela tem faltado à aula sistematicamente. Embora ela não seja uma aluna muito aplicada, sempre gostou da escola. Uma amiga de Ângela contou que ela tem faltado à escola porque está com medo, por causa dos bilhetes com xingamentos e ameaça de surras que tem recebido. Ângela é lésbica. Um grupo de meninas achou que ela as estava observando no banheiro, depois de uma aula de Educação Física. Os bilhetes são anônimos, mas Ângela suspeita que venham desse grupo de meninas. Um outro dia, ao entrar em sala, ela estava sendo xingada de “sapatão” pelas colegas.</p>

Fonte: Trabalhando com mulheres jovens: empoderamento, cidadania e saúde, 2008.

Como final à situação-problema apresentada, Emília afirmou que “O professor então elaborou um debate sobre a importância do respeito à opção [orientação] sexual de cada indivíduo (...)”, e ainda verbalizou também a existência do *bullying* na história apresentada. Depreende-se da fala da professora que, embora ela construa alternativas didáticas exitosas por “impulso”, ou seja, espontaneamente, movida pela necessidade cotidiana de sua profissão,

sua inserção em um curso de formação inicial lhe oportunizará o aprimoramento de sua prática didático-pedagógica.

Confirmando as afirmações de Emília, sobre a necessidade de formação na perspectiva das relações de gênero, Maria (coordenadora de escola da rede pública de ensino, professora da rede privada de ensino e discente do Curso de Pedagogia do *Campus IV* da UFPB) destacou a necessidade de se implementar um trabalho de formação que considere as temáticas relacionadas ao conceito de gênero:

É um tema muito interessante e a escola deve promover debates e palestras envolvendo o tema, principalmente no Ensino Médio. Por que no Ensino Médio acontece muito isso e na universidade também. A escola ela não está preocupada com isso (...), nem uma escola aqui trabalha essa questão, trabalha tudo, menos essa questão!

De acordo com as participantes e o participante da oficina, existe a necessidade de se inserir as relações de gênero na formação de professoras e professores da rede pública de ensino, seja porque as problemáticas relacionadas à perspectiva de gênero estão presentes nas escolas (da Educação Básica ao Ensino Superior), seja pelo fato de que esse tema nunca foi abordado nas escolas de sua região.

CONSIDERAÇÕES PARCIAIS

Por meio das narrativas das colaboradoras e do colaborador da oficina, identificaram-se suas visões sobre as relações de gênero no espaço escolar, mas também fora dele. Considerando a dimensão geracional, certas visões tornam-se mais arraigadas em determinadas faixas etárias que em outras, a exemplo das concepções de pais e mães de crianças sobre a atuação dos pedagogos na Educação Infantil e nos anos iniciais do Ensino Fundamental I. No transcorrer da execução do projeto, evidenciou-se que discentes do sexo masculino, ao concluírem o Curso de Pedagogia, não conseguem permanecer como professores da Educação Infantil e dos anos iniciais do Ensino Fundamental I, já que encontram resistência por parte das famílias, que consideram as professoras mais afeitas aos cuidados e ao ensino das crianças pequenas.

Além disso, algumas instituições, como a família e a escola, não raras vezes, corroboram com determinadas visões estereotipadas na educação de sujeitos de ambos os sexos, desde a mais tenra idade, como demonstrado nas análises parciais dos dados. Cabe destacar que as falas das professoras e do professor sugerem que as escolas do Vale de Mamanguape necessitam incluir em seu projeto pedagógico as relações de gênero, bem como

a diversidade étnico-racial e cultural em suas reuniões pedagógicas, na perspectiva de desenvolver um trabalho coletivo, inclusive com as famílias dos estudantes.

Ademais, os comportamentos de homens e mulheres são construídos histórica e culturalmente, podendo ser modificados. Portanto, discutir as relações de gênero, utilizando uma metodologia participativa, junto a professoras e professores da região do Vale do Mamanguape, tornou-se fundamental em um espaço onde ainda perduram determinados tabus e estereótipos relacionados ao comportamento de homens e mulheres.

Considera-se, que, embora o número de participantes tenha sido pouco expressivo, a oficina atingiu o objetivo proposto, pois, no momento das atividades desenvolvidas, o grupo buscou, na rememoração de aspectos do cotidiano das escolas da região, narrar suas vivências com as temáticas relacionadas ao conceito de gênero. A oficina se constituiu, portanto, em uma sementeira que, quiçá, despertará as escolas do Vale do Mamanguape para um ensino pautado na história e na vida dos sujeitos que delas fazem parte.

REFERÊNCIAS

CHAVES, G. da N.; STORNI, M. O. T. **O Aventurar-se na Própria Caminhada:** desvelando histórias de leitura. Disponível: <<http://br.monografias.com/trabalhos/aventurar-caminhada-desvelando-historias-leitura/aventurar-caminhada-desvelando-historias-leitura.shtml>>. Acesso em: 1 ago 2013.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 21 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

LOURO, G. L. **Gênero, sexualidade e educação:** uma perspectiva pós-estruturada. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

PROMUNDO; SALUD E GÊNERO; ECOS; INSTITUTO PAPAI; WORLD EDUCATION. **Trabalhando com mulheres jovens:** empoderamento, cidadania e saúde. Rio de Janeiro: Promundo, 2008.

SAFFIOTI, H. I. B. Conceituando o gênero. *In*: **Gênero e Educação**. Caderno de apoio para a educadora e o educador. Secretaria Municipal de Educação. Coordenadoria Especial da Mulher. Prefeitura de São Paulo. Junho de 2003.

SCOTT, J. **Gênero:** uma categoria útil de análise histórica. *Educação e Realidade*. V. 15, nº 2, jul. dez, 1990.